

Compostos fraseológicos no português brasileiro: uma abordagem construcional e semântico-cognitiva

*Phraseological compounds in Brazilian Portuguese:
a constructional and cognitive-semantic approach*

Natival Almeida Simões Neto
Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS)

nativallneto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

Cecília Cunha Cerqueira dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

ceciliacunhacs@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-4373-097X>

Wívia Ananda Souza Santos Lima
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

wiviasouza@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-2361-9530>

RESUMO

Neste artigo, analisamos padrões de palavras compostas do português brasileiro (PB) cujas realizações foram obtidas em pesquisas desenvolvidas na interface entre Dialetoleologia e Fraseologia (Paim; Sfar; Mejri, 2018), tais como *mão de vaca*, *língua solta*, *lenço atrás*, *barra bandeira*, *racha peito* e *raspa de tacho*. O referencial teórico articula a noção de composição, de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), com a de unidades fraseológicas, de Monteiro-Plantin (2017). Os compostos selecionados foram classificados em morfossintáticos e sintagmáticos/sintáticos. Após essa classificação, foram analisados conforme os pressupostos da Morfologia Construcional e da Semântica Cognitiva. Os resultados destacam a maior produtividade dos compostos sintagmáticos e a relevância da metonímia e da metáfora para a composição no PB.

Palavras-chave: compostos; unidades fraseológicas; morfologia construcional; semântica cognitiva; variação dialetal do português brasileiro.

ABSTRACT

In this article, we analyze patterns of compound words in Brazilian Portuguese (BP) attested in a study conducted at the interface between Dialectology and Phraseology (Paim; Sfar; Mejri, 2018), including *mão de vaca*, *língua solta*, *lenço atrás*, *barra bandeira*, *racha peito*, and *raspa de tacho*. The theoretical framework combines approaches to compounding proposed by Ribeiro and Rio-Torto (2016) and Villalva (2020) with the notion of phraseological units developed by Monteiro-Plantin (2017). The selected compounds were classified as morphosyntactic and syntagmatic/syntactic and subsequently analyzed within the frameworks of Construction Morphology and Cognitive Semantics. The results reveal the greater productivity of syntagmatic compounds and highlight the role of metonymy and metaphor in the formation of Brazilian Portuguese compounds.

Keywords: compounds; phraseological units; construction morphology; cognitive semantics; dialectal variation of Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um produto de dois trabalhos de conclusão de curso (TCCs) defendidos na graduação em Letras/Língua Portuguesa, na Universidade Estadual de Feira de Santana. Esses TCCs descreveram a formação de palavras compostas em dados obtidos em pesquisas semântico-lexicais desenvolvidas pelo mais conhecido projeto brasileiro de Dialetoologia, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), utilizando como arcabouço teórico-analítico a Morfologia Construcional (Booij, 2010; Gonçalves, 2016; Soledade, 2018; Simões Neto, 2022), a Semântica Cognitiva (Lakoff; Johnson, 2002) e as categorias de compostos utilizadas por Villalva (2003; 2020) e Ribeiro e Rio-Torto (2016), a saber compostos morfossintáticos e compostos sintagmáticos/sintáticos. Os dados analisados constam no livro “Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística”, de Paim, Sfar e Mejri (2018), que descreve fraseologismos que apareceram em respostas ao questionário semântico-lexical do referido projeto. Os TCCs originalmente descreveram os compostos morfossintáticos e sintagmáticos separadamente. Neste artigo, além da descrição individual, apresentamos também um cotejo entre os padrões.

A pesquisa semântico-lexical desenvolvida no ALiB não tem como foco a análise morfológica. Assim, os TCCs dos quais este artigo deriva procuraram contribuir para essa

lacuna, apontando possíveis desenvolvimentos dessa articulação. Nem mesmo o livro de Paim, Sfar e Mejri (2018), do qual os dados foram extraídos, tem essa envergadura. Entretanto, a partir de estudos sobre a composição em português, como os desenvolvidos por Villalva (2003, 2020), Santos (2009), Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Simões Neto (2022), assumimos, neste artigo, que realizações como *mão de vaca* ‘pessoa avarenta’, *língua solta* ‘pessoa que fala demais’, *lenço atrás* ‘brincadeira em que crianças se sentam em círculo e uma em pé coloca o lenço atrás de uma das sentadas’, *barra bandeira* ‘brincadeira em que uma criança corre para tocar nas outras, antes de chegar a um ponto combinado’, *racha peito* ‘cigarro não industrializado, mais artesanal que o convencional’ e *raspa do tacho* ‘filho que nasce por último’ possam ser consideradas exemplos de compostos do português, ao mesmo tempo que são exemplos de fraseologismos. Por isso, investimos na nomenclatura *compostos fraseológicos*, entendendo que as realizações mencionadas contemplam tanto o que Ribeiro e Rio-Torto (2016) chamam de compostos quanto o que Monteiro-Plantin (2017) chama de unidades fraseológicas.

Nos termos de Ribeiro e Rio-Torto, compostos são unidades multilexicais que

- são constituídas por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais;
- assentam numa forte coesão formal interna (ordem imutável, opacidade interna acentuada, total ou intensa, com grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior, escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto);
- exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/holístico, umas vezes composicional, outras lexicalizado/cristalizado em graus variáveis (Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 462).

Em relação a unidades fraseológicas, Monteiro-Plantin (2017) as define como

combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que muitas vezes de forma inconsciente. Incluímos nessa categoria as parêmsias ou sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas, estereótipos e clichês, bordões, slogans [...] (Monteiro-Plantin, 2017, p. 1-2).

As unidades fraseológicas, segundo Monteiro-Plantin (2017), são caracterizadas pelos seguintes aspectos: (a) *multilexicalidade*, ou seja, a presença de, pelo menos, dois itens lexicais agrupados; (b) *fixação/cristalização*, que diz respeito à imobilidade e impossibilidade de substituição dos itens lexicais agrupados; (c) *idiomaticidade*, relacionada à não composicionalidade, assim, o significado da unidade fraseológica não

é a soma do significado das suas partes e (d) *convencionalidade/frequência de uso*, que diz respeito à sua produção, adoção e circulação.

Podemos notar que multilexicalidade, fixação estrutural, cristalização, não composicionalidade e idiomaticidade são aspectos que se fazem presentes tanto na conceituação de palavras compostas quanto na de unidades fraseológicas. Logo, entendemos que há convergência entre os dois conceitos, então a determinação de se uma estrutura multilexical é um composto ou um fraseologismo depende muito mais da vinculação teórico-metodológica dos pesquisadores que se debruçam sobre as formações. Apesar de tantas convergências, há diferenças entre os dois conceitos. Nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016), *chutar o pau da barraca* e *camarão que dorme a onda leva* não são considerados compostos, da mesma maneira que, nos termos de Monteiro-Platin (2017), *cardiopatia* e *camelódromo* não devem ser considerados unidades fraseológicas. Diante disso, reforçamos que o que estamos chamando de *compostos fraseológicos*, neste artigo, são os casos que podemos tratar como compostos e unidades fraseológicas ao mesmo tempo. Além dos exemplos já mencionados, outros casos observados são: *bate bunda* “brincadeira de gangorra”, *sobe desce* “brincadeira de gangorra”, *cornio cururu* “homem que sofre infidelidade”, *ponta de rama* “filho que nasce por último”, *pé inchado* “pessoa que ingere bebidas alcoólicas em demasia” e *matador de aluguel* “pessoa que é paga para matar alguém”.

Após essas considerações iniciais, o trabalho apresenta as seguintes seções de títulos autoexplicativos: (a) A composição em português: os padrões morfossintáticos e sintagmáticos; (b) Morfologia Construcional: conceitos básicos; (c) A metáfora e a metonímia na Semântica Cognitiva: o estudo da formação de palavras; (d) Caminhos metodológicos, (e) Análise dos dados; (f) Considerações finais e (g) Referências.

A COMPOSIÇÃO EM PORTUGUÊS: OS PADRÕES MORFOSSINTÁTICOS E SINTAGMÁTICOS

Nas tradições gramatical e linguística, a composição é um dos mais conhecidos fenômenos de formação de palavras, ficando atrás apenas da derivação. Entretanto, como observou Simões Neto (2022), “quando se analisa a história dos estudos de formação de palavras em língua portuguesa, é possível notar que a composição foi um alvo menor de

explicações, principalmente se comparada à derivação” (Simões Neto, 2022, p. 195). Uma das possíveis razões para isso já tinha sido sugerida por Santos (2009), que explicou que, durante um longo período dos estudos morfológicos, a morfologia buscou se estabelecer como disciplina autônoma da linguística, com suas próprias regras e processos. Diante disso, “adveio a separação categórica entre processos morfológicos e processos sintáticos, tornando ‘necessária’ para uma efetiva liberdade de atuação da morfologia” (Santos, 2009, p. 46). Por consequência, houve maior enfoque nos estudos de derivação, uma vez que demandava uma integração menor entre morfologia e sintaxe, quando comparada à composição.

No que tange às pesquisas que investigam os padrões de formação das palavras compostas, nota-se que ainda persiste a visão da tradição gramatical, que reduz a classificação dos compostos a justapostos e aglutinados. Essa perspectiva não captura o fenômeno enquanto processo ativo e disponível para a formação de novas palavras, visto que a aglutinação advém de uma trajetória diacrônica e consiste em perdas fonético-fonológicas que acontecem ao longo do tempo, não sendo um mecanismo produtivo pelo qual um falante contemporâneo do português possa combinar diretamente palavras e ter como resultado um composto aglutinado. Em suma, todo composto é inicialmente justaposto e pode ou não passar por perdas fonológicas e vir a se caracterizar como aglutinado. Mesmo em casos mais recentes, como *alquingel*, a partir de *álcool em gel*, há um percurso diacrônico de curto tempo que faz com que a forma justaposta se transforme na aglutinada na fala de algumas pessoas.

Além disso, trabalhos como o de Simões Neto, Lima e Santos (2025), sobre o tratamento da composição em livros didáticos de língua portuguesa para Ensino Fundamental II e Ensino Médio, destacam que a ortografia é um aspecto bastante considerado no tratamento da composição na abordagem da gramática tradicional que repercute nos livros escolares. Isso recai significativamente sobre o uso do hífen na grafia dos compostos, a ponto de a presença da hifenização fazer com que estruturas formalmente iguais recebam tratamentos diferentes por terem ou não hífen¹. Nesse sentido, *pé de moleque* (doce) e *copo-de-leite* (planta), embora sejam estruturas com padrão “nome + preposição + nome” e que cumprem os mesmos requisitos, recebem

¹ Formas bastante conhecidas, como *girassol* e *passatempo*, sempre figuram como exemplos clássicos de compostos não hifenizados.

classificações diferentes na visão tradicional: a forma hifenizada é tratada como composto, enquanto a não hifenizada é uma expressão similar a um composto que também enriquece o léxico da língua.

Assim, entendendo que a divisão tradicional é insuficiente para caracterizar a amplitude do processo de composição, optamos pela classificação de autoras como Villalva (2003, 2020) e Ribeiro e Rio-Torto (2016), que dividem os compostos do português em três tipos: morfológicos, morfossintáticos e sintagmáticos/sintáticos. Os morfológicos são compostos que envolvem a articulação de, pelo menos, um elemento preso. São exemplos: *aracnofobia*, *cleptomania*, *homozigoto*, *uxoricídio*, *luso-brasileiro* e *hispano-falantes*. Esses compostos, como dito na introdução, não se enquadram como *compostos fraseológicos*, não aparecendo entre os dados analisados. Por isso, dispensamos maior tratamento desse tipo de composto no artigo. Centrar-nos-emos nos tipos morfossintáticos e sintagmáticos, que são criados a partir da combinação de palavras já existentes, e que consequentemente poderiam ocorrer numa frase de forma independente, e não de radicais como acontece com os compostos morfológicos.

Na formação dos compostos morfossintáticos se “juntam palavras que não poderiam ocorrer na posição em que ocorrem na frase [...] e se sucedem umas às outras numa frase sem um elemento de ligação gramatical, uma conjunção ou uma preposição [...]” (Villalva, 2020, p. 3154). São exemplos dessa categoria: *escola-modelo*, *claro-escuro*, *vaivém*, *couve-flor*, *surdo cego*, *bomba-relógio*, *saca-rolhas*, *limpa-vidros*, *sofá-cama*, *ator-apresentador*, *passivo-agressivo* e *outono-inverno*.

Em contrapartida, os compostos sintagmáticos (Ribeiro; Rio-Torto, 2016) ou sintáticos (Villalva, 2020), seguem os padrões das estruturas sintáticas da língua, ou seja, dos princípios gramaticais do português. “Podem resultar de sequências sintáticas que, pela frequência do uso, adquirem um elevado grau de coesão estrutural e semântica [...]” (Villalva, 2020, p. 3195). Alguns exemplos dessa categoria são: *alta-tensão*, *radicais livres*, *sangue azul*, *má-fé*, *extrema-esquerda*, *fim de semana* e *lua de mel*.

Devido à semelhança entre compostos sintagmáticos e estruturas sintáticas livres, é válido lembrar que:

[...] as fronteiras entre compostos sintagmáticos e estruturas sintáticas não são consensuais, sobretudo porque, superficial e aparentemente, estamos perante construções muito semelhantes, como [mala azul], um grupo nominal vs. o composto [saco azul]_N ou [primeiro neto], um grupo nominal vs. o composto [primeiro-ministro]_N (Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 462).

Por esta razão, Ribeiro e Rio-Torto (2016) destacam que a principal característica categórica para definição dos compostos é “a sua opacidade interna (lexical e sintática), dado que os compostos são unidades impermeáveis a qualquer alteração/inserção no seu interior, sendo marcados pela impossibilidade de alterar a ordem dos elementos compositivos ou de os substituir por outros” (Ribeiro; Rio-Torto, 2016, p. 463). Seguindo a linha das autoras citadas, as condições de adjetivação também são um importante teste para distinguir um sintagma livre de um composto sintagmático, visto que, a adjetivação é sempre aplicável ao todo, nunca podendo ter foco apenas sobre um dos elementos compositivos. Observemos os exemplos a seguir:

- a. Eles sairão no [fim de semana]
- b. Eles tiveram um fim *ótimo de semana
- c. Eles tiveram um fim de semana *agitada

A estrutura [a] apresenta um exemplo regular com uso da sequência [fim de semana]. Na estrutura [b], a tentativa de inserção de um novo constituinte [ótimo] no interior do composto [fim de semana] conduz a perda de fixidez, o que torna a estrutura agramatical, não funcionando como composto. Já na estrutura [c], a agramaticalidade ocorre porque o adjetivo contempla apenas um constituinte [semana], e não o composto como um todo. Além disso, há uma tentativa de concordância com o elemento não nuclear do composto. Assim, nota-se que, o alto grau de coesão formal implica rigidez interna e sentido holístico, por isso, os compostos se comportam como uma unidade, não aceitando modificações em sua estrutura, nem a supressão de apenas um dos seus constituintes, ao contrário do que seria possível se fossem simples sequências nominais não lexicalizadas.

Com base no que foi apresentado, podemos assumir que os compostos morfossintáticos e sintagmáticos se diferenciam pela (a)tipicidade da organização em relação aos padrões sintáticos da língua, uma vez que os compostos morfossintáticos não resultam da lexicalização de estruturas, mas sim de uma violação ou reanálise da estrutura sintática na construção de uma unidade lexical, de uma palavra.

O exemplo “o *sofá* e a *cama* chegaram, mas o *sofá-cama* nem saiu para entrega”, revela que o composto *sofá-cama* caracteriza a acumulação de função desses dois objetos e não permite inserção de constituintes sem que haja um rompimento do significado atribuído a essa unidade lexical, ou seja, o acréscimo de um novo elemento altera a fixidez

e o sentido holístico, fazendo com que a estrutura não funcione como composto. Dessa forma, sabendo que a concatenação de duas palavras que não seguem os padrões sintáticos típicos constitui a formação de compostos morfossintáticos, os quais possuem estrutura interna fixa e sentido unitário, pode-se diferenciar estes compostos de estruturas sintáticas prototípicas. Os compostos sintagmáticos ou sintáticos “são, em rigor, expressões sintáticas formadas de acordo com as regras e princípios da gramática da língua” (Villalva, 2020, p. 3195).

Longe de sermos exaustivos, apresentamos o Quadro 1, com os padrões formais conhecidos de compostos morfossintáticos e sintagmáticos.

Quadro 1 – Compostos morfossintáticos e sintagmáticos: padrões e exemplos

Tipos de compostos	Padrões formais	Exemplos
Morfossintáticos	Nome-nome (NN)	sofá-cama, couve-flor
	Adjetivo-adjetivo (AA)	claro-escuro, passivo-agressivo
	Verbo-verbo (VV)	vaivém, bate-volta
	Verbo-nome (VN)	puxa-saco, saca-rolhas
Sintagmáticos/Sintáticos	Nome-preposição-nome (NprepN)	copo-de-leite, pé de moleque
	Nome-preposição-verbo (NprepV)	goma de mascar, máquina de lavar
	Nome-Adjetivo (NA)	mesa redonda, bilhete único
	Adjetivo-Nome (AN)	alto relevo, má-fé
	Numeral-Nome (NumN)	terceira via, mil folhas

Fonte: Elaborado pelos autores.

MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: CONCEITOS BÁSICOS

A Morfologia Construcional (MC) é um modelo teórico proposto por Booij (2005, 2010) e também desenvolvido no Brasil, através de aplicações para o português brasileiro feitas por autores como Gonçalves (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2022). A MC propõe que a formação de palavras complexas seja compreendida a partir de esquemas

construcionais, que descrevem padrões léxico-morfológicos esquemáticos ou semiesquemáticos, baseados em palavras já existentes na língua e utilizados na construção de novas unidades linguísticas.

Esse modelo parte da noção de construção defendida na Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), ou seja, um pareamento convencionalizado entre forma e significado, o que inclui palavras simples, padrões morfológicamente complexos, expressões idiomáticas, estruturas sintáticas, entre outros. Nessa abordagem, todo o conhecimento do falante acerca das construções da sua língua é listado em um *constructicon*, que se organiza por meio de redes que permitem variadas combinações de construções, desde que essas sejam compatíveis entre si (Simões Neto; Santos; Salvador, 2022, p. 72).

Na MC, postula-se que os esquemas morfológicos representam padrões guiados por abstrações cognitivas sobre como diferentes palavras se articulam de maneira para criar significado. Compreende-se, então, que os esquemas construcionais são armazenados mentalmente pelos falantes, podendo variar e dar origem a novas instanciações. Esses esquemas permitem não apenas descrever formações existentes na língua, mas também orientar a formação de novas ocorrências com base no princípio da generalização linguística. Sobre isso, Soledade, Gonçalves e Simões Neto (2022) pontuam:

[...] esquemas morfológicos estão relacionados, por um lado, à motivação para a existência de um conjunto relevante de palavras complexas e, por outro, à disponibilização de mecanismos que permitam a expansão desse conjunto. A função motivadora de esquemas tem, portanto, o efeito de reduzir o grau de arbitrariedade das relações forma-significado no léxico. Desse modo, na mente dos falantes, esquemas e palavras constituem a organização hierárquica do léxico, estabelecendo, entre si, redes associativas e relações de herança (que, muitas vezes, envolvem projeções metafóricas e metonímicas). (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022, p. 15).

Em linhas gerais, a MC é uma abordagem que analisa a morfologia por meio de esquemas e instanciações, trazendo um avanço relevante, sobretudo no que diz respeito às relações semânticas nos estudos morfológicos, bem como o acionamento de processos cognitivos de domínio geral na organização do conhecimento morfológico, sobretudo por meio da esquematicidade e da analogia, processos cognitivos de domínio geral bastante discutidos na literatura da Linguística Baseada em Uso (Bybee, 2016).

A METÁFORA E A METONÍMIA NA SEMÂNTICA COGNITIVA: O ESTUDO DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Nas formações de palavras, o papel da semântica é de grande importância para compreender os sentidos atribuídos na cunhagem de novas unidades lexicais, visto que eles podem se apresentar variáveis de acordo com o contexto social dos falantes. Nesse sentido, a Semântica Cognitiva (SC), incluindo a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, tem se mostrado uma base relevante para complementar a MC, permitindo integrar morfologia e semântica, algo vislumbrado na análise realizada neste trabalho.

Nos estudos da SC, Lakoff e Johnson (2002, p.45) apresentam uma visão cognitivista da metáfora e da metonímia, segundo a qual, elas não atuam somente como figuras de linguagem, mas estão presentes na vida cotidiana, fazendo parte do pensamento e ação dos seres humanos. O uso como figura de linguagem é uma extensão do mecanismo cognitivo de conceptualização, que estabelece uma relação entre a cognição e o contexto social na construção de sentidos. A metáfora e a metonímia se destacam nas análises empreendidas desse modelo e podem ser definidas da seguinte maneira:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento (Lakoff; Johnson, 2002, p. 92-93).

É importante destacar que “a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 93), consequentemente todo processo metafórico, conjectura um processo metonímico, estando muitas vezes, assim, os dois envolvidos na formação de palavras compostas, ainda que haja a predominância de um deles.

A questão dos significados em compostos é atravessada pela discussão acerca da composicionalidade, “propriedade [...] que define que o significado de uma frase é derivado dos significados das palavras na frase e da relação gramatical que as une, isto é, uma palavra motivada é compreendida a partir da semântica dos seus elementos (morfemas)” (Santos, 2009, p. 41). Essa discussão contribui para compreender como a

metáfora e a metonímia se apresentam na formação dos compostos. Sendo assim, a partir dessa classificação pode-se identificar se o composto é totalmente ou parcialmente composicional, ou ainda, se ele é lexicalizado.

Em *sofá-cama*, por exemplo, temos um composto mais composicional que tem seu significado obtido a partir da junção das definições das palavras que a formam, ou seja, um objeto que possui as características de um sofá e uma cama ao mesmo tempo. Por outro lado, o composto *arranca-rabo*, que denomina uma briga ou confusão, não pode ser entendido diretamente a partir do significado individual e literal das palavras que o formam. Desse modo,

A não composicionalidade de uma expressão linguística pode resultar de um processo gradual, em que, por questões de frequência de uso, uma expressão pode ir ganhando significados próprios, especializados, ou pode resultar do facto de, na sua formação, se recorrer a processos de metonímia ou metáfora que poderão não ser evidentes para a generalidade dos falantes da língua. (Villalva, 2020, p. 3158).

Uma vez que reconhecemos a metáfora e a metonímia como processos relevantes na formação de palavras, acreditamos que alguns compostos apresentados neste trabalho fornecem evidências para a necessidade de se analisar a semântica no fenômeno de composição, devendo se avaliar essas palavras compostas em termos de composicionalidade.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste estudo é de natureza mista, com predominância qualitativa, e baseou-se na coleta e análise de dados presentes no livro “Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística”, de Paim, Sfar e Mejri (2018), que reúne informações geolinguísticas obtidas por meio de entrevistas guiadas por um questionário semântico-lexical realizado pelo Projeto ALiB na primeira década dos anos 2000. No total, foram entrevistadas 200 pessoas naturais de 25 capitais brasileiras que foram selecionadas obedecendo o perfil estabelecido pelo Projeto.

O questionário aplicado nas entrevistas investigou os termos atribuídos a 14 áreas semânticas específicas: 1. Acidentes geográficos, 2. Fenômenos atmosféricos, 3. Astros e tempo, 4. Atividades agropastoris, 5. Fauna, 6. Corpo humano, 7. Ciclos da vida, 8.

Convívio e comportamento social, 9. Religião e crenças, 10. Jogos e diversões infantis, 11. Habitação, 12. Alimentação e cozinha, 13. Vestuário e acessórios e 14. Vida urbana (Paim, Sfar, Mejri, 2018, p. 47).

As respostas obtidas revelam os fraseologismos veiculados pela língua falada nessas capitais e constituem o repertório lexical compilado no *corpus*. Com entradas organizadas em ordem alfabética, o livro visa a contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e fornecer subsídios ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa através dos dados disponibilizados. As informações recolhidas foram inicialmente organizadas em uma planilha do Excel, e constatamos um total de 287 fraseologismos registrados. Em seguida, considerando as definições de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), 70 expressões foram excluídas da base de dados de investigação por não atenderem aos critérios necessários para serem reconhecidas como compostos, como é o caso de *estar regrada* e *pé de papagaio no arame*².

Para a análise, restaram 217 compostos, que foram classificados quanto ao tipo: (i) 189 compostos sintagmáticos; (ii) 28 compostos morfossintáticos e (iii) nenhum composto morfológico. A análise dos compostos atestados incluiu caracterização morfológica, semântica e sintática e elaboração do esquema construcional. Por último, foi feita a análise de aspectos metafóricos e metonímicos atinentes a algumas formações atestadas.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi dividida em duas subseções: a primeira, voltada para os aspectos morfológicos, e a segunda, destinada aos aspectos semânticos.

Aspectos morfológicos

Do ponto de vista morfológico, o primeiro aspecto tratado nesta seção é a diversidade de padrões tanto para compostos morfossintáticos quanto para compostos

² Segundo Paim, Sfar e Mejri (2018), essas expressões significam, respectivamente: forma de referir-se ao período em que a mulher está menstruada e forma de referir-se ao indivíduo que não gosta de gastar dinheiro.

sintagmáticos. Começamos a análise pelos morfossintáticos. Sobre esses, os padrões compositivos mais comuns, conforme Ribeiro e Rio-Torto (2016), são: (i) nome + nome (NN); (ii) adjetivo + adjetivo (AA); (iii) verbo + verbo (VV) e (iv) verbo + nome (VN). Esses quatro tipos foram vistos entre os 28 compostos morfossintáticos, como apresentamos na Tabela 1, que traz também o padrão nome + advérbio (NAdv), não mencionado pelas autoras de referência, mas que está, por exemplo, na forma dicionarizada *pé-atrás* ‘desconfiança’.

Tabela 1– Frequência dos padrões de composição morfossintática no *corpus*

Padrões	Frequência no <i>corpus</i>	Exemplos atestados no <i>corpus</i> com definições do livro-fonte
[NN] _N	10	<i>besta fera</i> ‘entidade sobrenatural maligna da tradição cristã’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 67) <i>bunda canastra</i> ‘brincadeira de criança, que sem esticar os braços, usando a cabeça e as mãos, vira o corpo curvado, dando uma cambalhota, encostando as costas e depois a bunda no chão’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 74) <i>corno cururu</i> ‘homem que sofre uma infidelidade no relacionamento, que acontece no caso do casamento ou namoro’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 94) <i>cruz credo</i> ‘entidade sobrenatural maligna da tradição cristã’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 97) <i>estrela oriente</i> ‘fenômeno luminoso observado quando da passagem de um meteoróide pela atmosfera terrestre’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 122)
[VV] _N	9	<i>esconde-esconde</i> ‘brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as que estão escondidas’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 101) <i>manja pega</i> ‘jogo constituído por dois tipos de jogadores, os pegadores e os que devem evitar ser apanhados’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 140) <i>pega-pega</i> ‘brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 194)

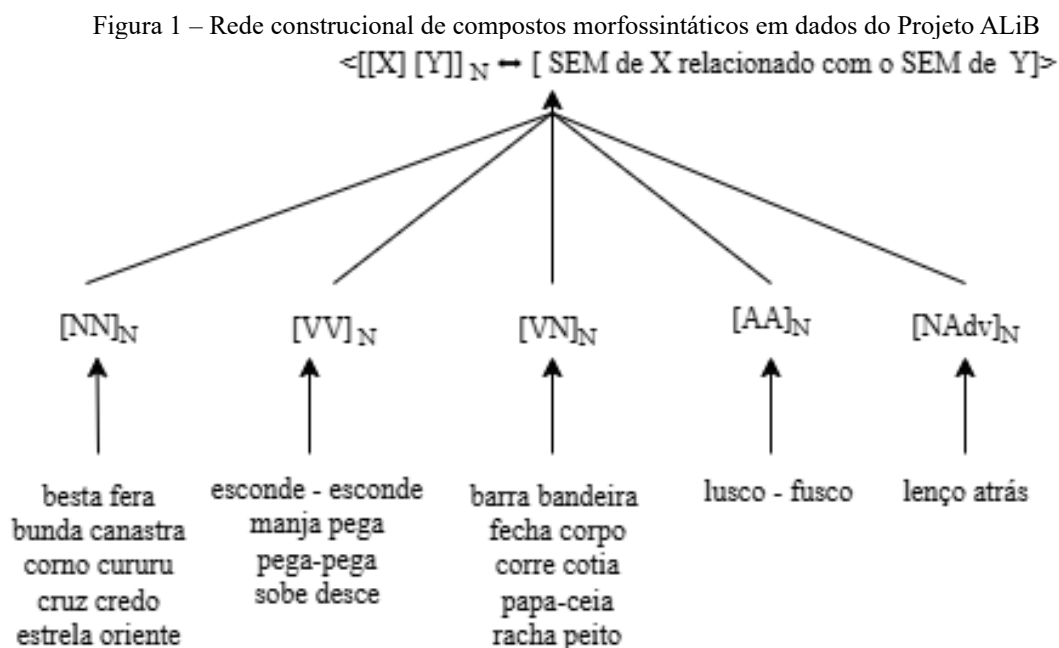
		<i>sobe desce</i> ‘tábua apoiada no meio em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe a outra desce’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 204)
[VN] _N	7	<i>barra bandeira</i> ‘brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 65) <i>fecha corpo</i> ‘ato de prevenir-se contra os males e energias negativas de um determinado local ou algo do tipo utilizando magias, rituais, simpatias ou orações’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 126) <i>corre cotia</i> ‘brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha ou um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha ou o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 96) <i>papa-ceia</i> ‘o planeta Vênus, quando aparece do lado do nascente, pouco antes do amanhecer’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 187) <i>racha peito</i> ‘cigarro mais artesanal que o convencional, não sendo industrializado, composto, basicamente, de um punhado de tabaco, envolvido por uma palha de milho, podendo haver pequenas modificações’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 201)
[AA] _N	1	<i>lusco-fusco</i> ‘momento de transição entre o dia e a noite; crepúsculo vespertino; o anoitecer’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 136)
[NAdv] _N	1	<i>lenço atrás</i> ‘brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 134)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos os cinco padrões formais destacados na Tabela 1 têm como resultado um nome. Dentre eles, o NN foi o mais frequente, seguido de VV e VN, em ordem decrescente. Com apenas uma realização cada, há os compostos AA e NAdv. Algumas dessas realizações, como *arco-íris*, *esconde-esconde*, *lusco-fusco* e *pega-pega*, foram vistas no Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (Houaiss; Villar, 2009), mas a maioria delas não figuram como verbetes de palavras compostas desse dicionário,

nem mesmo como locuções dentro de verbetes de palavras simples. Isso pode estar relacionado ao caráter regional e, muitas vezes, menos difundido dessas formações.

Feitas as quantificações, passemos, agora à análise construcional da composição morfossintática. Sugerimos, na Figura 1, a seguir, uma representação esquemática dos compostos fraseológicos morfossintáticos atestados em pesquisas do Projeto ALiB.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 1, encontramos uma representação em que, na parte mais baixa, estão as realizações concretas dos compostos, os chamados construtos (Booij, 2010). Por meio de mecanismos de categorização, esses compostos podem ser agrupados conforme a sua estruturação formal. Assim, vemos, no nível intermediário, os padrões $[NN]_N$, $[VV]_N$, $[VN]_N$, $[AA]_N$ e $[NAdv]_N$. No nó mais alto, chegamos a uma abstração ainda maior em que há a combinação de duas variáveis que representam duas palavras combinadas. Do ponto de vista semântico, o fato de serem compostos fraseológicos dificulta precisar um significado geral com algum nível de precisão, por isso optamos por um significado consideravelmente genérico de caráter puramente relacional.

Fora do contexto dos dados analisados, esse significado relacional pode vir a se tornar mais específico, quando se identifica um agrupamento semântico como os agentivos do padrão $[VN]_N$ (Simões Neto; Santos, 2020), ou quando especificamos

parcialmente o padrão construcional do ponto de vista formal, como a construção [maria N]_N, um subtipo do padrão [VN]_N (Simões Neto; Oliveira; Santos, 2025).

Terminadas as observações sobre os compostos morfossintáticos, passemos, agora, aos sintagmáticos. Ribeiro e Rio-Torto (2016) destacam, entre os padrões mais compositivos desse tipo, as seguintes configurações: (i) nome + preposição + nome (NPrepN); (ii) nome + preposição + verbo (NPrepV); (iii) nome + adjetivo (NA); (iv) adjetivo + nome (AN) e (v) numeral + nome (NumN). Desses cinco esquemas, apenas o último não foi visto em nosso *corpus*. Acrescentamos a esse conjunto o padrão nome + preposição + determinante + nome (NPrepDetN), que pode ser visto em formas consagradas, como *fruta do conde*, *estrela do mar*, *pôr-do-sol* e *bicho-da-seda* e foi atestado também em nossos dados. Na Tabela 2, fazemos uma síntese similar à que fizemos na Tabela 1.

Tabela 2 – Frequência dos padrões de composição sintagmática no *corpus*

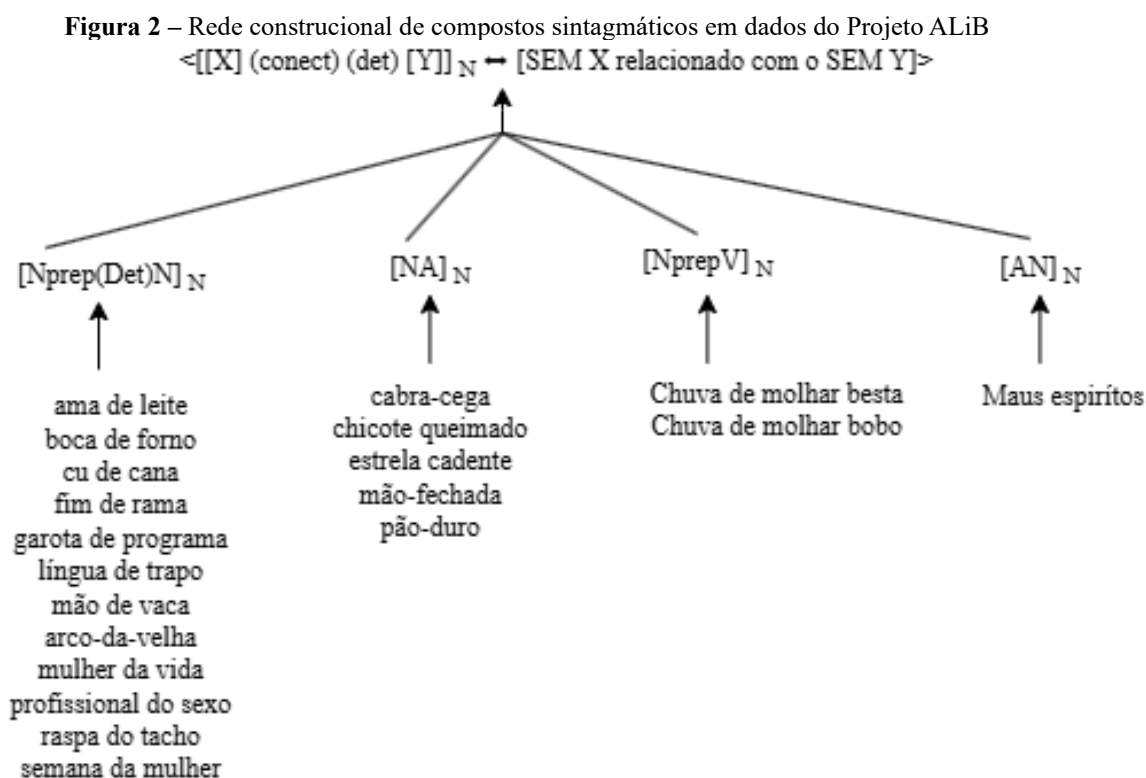
Padrões	Frequência no <i>corpus</i>	Exemplos atestados no <i>corpus</i> com definições do livro-fonte
[NPrepN] _N	93	<i>ama de leite</i> ‘mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 57) <i>boca de forno</i> ‘brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 70) <i>cu de cana</i> ‘pessoa que ingere bebidas alcoólicas sem moderação’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 97) <i>fim de rama</i> ‘filho que nasceu por último’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 127) <i>garota de programa</i> ‘mulher que oferece serviços sexuais em troca de pagamento’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 129) <i>língua de trapo</i> ‘pessoa que fala demais’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 135) <i>mão de vaca</i> ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 143)

[NPrepDetN] _N	47	<i>arco-da-velha</i> ‘fenômeno óptico e meteorológico que separa a luz do sol em seu espectro’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 60) <i>mulher da vida</i> ‘mulher que oferece serviços sexuais em troca de pagamento’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 172) <i>profissional do sexo</i> ‘mulher que oferece serviços sexuais em troca de pagamento’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 198) <i>raspa do tacho</i> ‘filho que nasceu por último’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 202) <i>semana da mulher</i> ‘período em que a mulher está menstruada’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 204)
[NA] _N	46	<i>cabra-cega</i> ‘brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 75) <i>chicote queimado</i> ‘brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 78) <i>estrela cadente</i> ‘fenômeno luminoso observado quando da passagem de um meteoróide pela atmosfera terrestre’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 116) <i>mão-fechada</i> ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 144) <i>pão-duro</i> ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro, que é mesquinho, avarento, sovina’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 186)
[NPrepV] _N	2	<i>chuva de molhar besta</i> ‘chuva bem fininha’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 82) <i>chuva de molhar bobo</i> ‘chuva bem fininha’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 82)
[AN] _N	1	<i>maus espíritos</i> ‘[a]quilo que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casa, que se diz que é do outro mundo’ (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 149)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como na Tabela 1, na Tabela 2, todos os cinco padrões formais destacados têm como resultado um nome. Dentre eles, o NPreN foi o mais frequente, seguido de NPrepDetN e NA, em ordem decrescente. Com apenas duas realizações, há o NprepV, que optamos por abordar dessa maneira, por entendermos [molhar besta] e [molhar bobo] como sintagmas verbais combinados à estrutura. Por último, com um único exemplo, há o padrão AN. Algumas dessas realizações, como *arco-da-velha*, *cabra-cega*, *mão-fechada* e *pão-duro*, foram vistas no supracitado Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa. Outras, como *estrela cadente*, *garota de programa*, *língua de trapo* e *mão de vaca*, aparecem, respectivamente, como locuções associadas aos verbetes *estrela*, *garota*, *língua* e *mão*. Essa diferença no tratamento sugere uma distinção dicionarística entre palavras compostas e expressões multilexicais de outro tipo. Ainda que não concordemos com essa diferenciação, é relevante observarmos como a compreensão da composição, nessa obra lexicográfica, está associada a aspectos ortográficos.

Feitas as quantificações, passemos, agora à análise construcional da composição sintagmática. Sugerimos, na Figura 2, a seguir, uma representação esquemática dos compostos fraseológicos sintagmáticos atestados em pesquisas do Projeto ALiB.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 2, voltada para os compostos sintagmáticos, assim como na Figura 1, destinada aos morfossintáticos, encontramos uma representação em que, na parte mais baixa, estão os construtos, os dados concretos de compostos. Esses dados são agrupados e esquematizados, levando-nos ao nível intermediário, onde estão os padrões [NPrep(Det)N]_N, [NA]_N, [NPrepV]_N e [AN]_N. Destacamos que, na representação, optamos pela unificação dos padrões [NPrepN]_N e [NPrepDetN]_N, entendendo que esses oriundos de um padrão único em que o determinante pode ou não se concretizar. A posição mais alta da hierarquia esquemática é mais abstrata, com a combinação de, pelo menos, duas variáveis que representam duas palavras combinadas. Para contemplar [NPrep(Det)N]_N, representamos o conectivo e o determinante, como elementos passíveis de não realização na estrutura formal dos compostos sintagmáticos. Do ponto de vista semântico, lidamos com a mesma dificuldade vista com os compostos morfossintáticos: o fato de serem idiomáticos dificulta precisar um significado geral que contemple todas as realizações atestadas, levando-nos a optar, mais uma vez.

Assim como no caso dos compostos morfossintáticos, com os sintagmáticos, se formos além dos dados analisados neste trabalho, o significado relacional pode vir a se tornar mais específico, como podemos ver em trabalhos sobre compostos com *síndrome* e *complexo*, subtipos de compostos [NPrepN]_N e [NPrepDetN]_N estudados por Simões Neto (2018), e sobre o padrão [N-mor]_N, subtipo do padrão [NA]_N, estudado por Santos e Simões Neto (2020).

Aspectos semânticos

Em relação ao significado dos compostos fraseológicos analisados, entendemos que eles podem variar quanto ao nível de composicionalidade, assumindo que, quando não composicionais, os processos de metáfora e metonímia costumam subjazer a formação dessas palavras. Diante disso, entendemos que alguns compostos apresentados ao longo deste trabalho contribuem para a compreensão de como a metonímia e a metáfora se apresentam no fenômeno de composição. Seleccionamos quatro exemplos de compostos morfossintáticos (*sobe desce*, *bate bunda*, *esconde-esconde* e *corno cururu*) e

quatro de compostos sintagmáticos (*pé inchado*, *boca de álcool*, *ponta de rama* e *raspa do tacho*) para a análise.

A metonímia, consistindo na utilização de características próprias de um objeto ou ser para dar nome a esta mesma entidade, aparece nos compostos atestados *sobe desce* (VV) e *bate bunda* (VN), que são utilizados com o significado de “forma alternativa de se referir à tábua apoiada no meio em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe a outra desce” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 204), são formados pelo processo metonímico, o qual, nesse caso, tem como foco a ação em referência ao objeto, uma vez que as ações que ocorrem durante o uso do brinquedo, subir e descer, e a criança bater a bunda no chão quando o brinquedo desce, são utilizadas para nomear o brinquedo em si.

Isso também acontece com o composto *esconde-esconde* (VV), “forma alternativa de se referir à brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as que estão escondidas” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 102), que apesar de ser formado pelo processo de reduplicação de base verbal, ou seja pela repetição da base resultando em um nome (Gonçalves; Vialli, 2017, p. 115), é utilizado o processo metonímico para construção do termo o qual denomina a brincadeira fazendo uso da ação repetitiva de esconder-se para nomear o evento.

Há também o uso da metáfora, muito produtiva na construção dos significados dos compostos, a exemplo de *corno cururu* (NN), que designa uma “forma alternativa de se referir ao homem que sofre uma infidelidade no relacionamento, que acontece no caso do casamento ou namoro” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 94). Trata-se de uma instanciamento da metáfora conceptual *HOMEM É ANIMAL*, na qual o *corno cururu* é compreendido em termos de *sapo cururu*, isto é, são atribuídas características dos animais para explicar experiências do ser humano.

Pé inchado é um composto com o padrão (NA) que indica uma “forma alternativa de se referir à pessoa que ingere bebidas alcoólicas sem moderação” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 193). A expressão atribuída a esse significado foi recolhida em cidades das regiões Norte e Centro-Oeste. Nesse contexto, nota-se a presença de uma metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA, visto que o consumo exacerbado de álcool desencadeia a retenção de líquidos e, consequentemente, o inchaço dos pés. Dessa forma, o significado é atribuído através de um processo metonímico da parte pelo todo. Assim, um sintoma

fisiológico gerado pela ação, de ingerir bebidas alcoólicas sem moderação, é deslocado passa a figurar o indivíduo que pratica tal ação.

Na mesma perspectiva, destaca-se *boca de álcool*, composto (NprepN) documentado em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Nesse exemplo, o primeiro órgão do sistema digestivo – boca – é usado para se referir ao hálito, e além de estabelecer relação de proximidade entre a boca e o que é expelido por ela, mais uma vez, o efeito indica a causa, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

Ponta de rama, por outro lado, em sentido denotativo, refere-se às últimas (partes das) folhagens de uma vegetação ou o final de uma safra. O composto do tipo (NprepN), coletado em Aracaju, é registrado como “forma alternativa de se referir ao filho que nasceu por último” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 197). Diante disso, ocorre uma transposição de sentidos através da motivação metafórica, e uma expressão comumente adotada no campo agrícola, e, aparentemente distinta, passa a denominar o fim de um ciclo reprodutivo humano.

No mesmo sentido semântico, encontra-se *raspa do tacho* (NprepdetN), composto metaforicamente utilizado para se referir ao filho mais novo em cidades das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. O conceito de sobras da panela, relacionado à alimentação, passa a designar, nesse caso, o final, referindo-se ao filho que nasce por último.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma proposta de abordagem a formação de palavras compostas e de unidades fraseológicas no português brasileiro de uma forma convergente, por meio do conceito de *compostos fraseológicos*, que nada mais são que palavras compostas, nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), que podem ser também enquadradas como unidades fraseológicas, nos termos de Monteiro-Plantin (2017). A articulação conceitual se mostrou produtora para a análise de formas encontradas em respostas do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, vistas no livro de Paim, Sfar e Mejri (2018).

Quanto ao aporte teórico utilizado, o uso da Morfologia Construcional foi relevante para a compreensão da organização do conhecimento linguístico, através de

redes esquemáticas e hierárquicas. Entretanto, o caráter esquemático dos conjuntos de padrões tratados, em contraposição ao caráter idiomático dos construtos analisados, se mostrou um problema para a generalização com base nesse modelo teórico. Por isso, o acionamento da Semântica Cognitiva se mostrou fundamental para a abordagem das formas atestadas, permitindo-nos entender como a metáfora e a metonímia, enquanto processos cognitivos, atuam na formação de palavras de forma produtiva.

Esperamos que a análise desenvolvida neste artigo inspire novos trabalhos que busquem uma articulação maior tanto entre a Morfologia e a Fraseologia quanto entre a Morfologia Construcional e a Semântica Cognitiva. Mais estudos são necessários.

REFERÊNCIAS

BOOIJ, Geert. Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, Wolfgang. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p.109-131.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

GOLDBERG, Adele Eve. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele Eve. *Constructions: a construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório; VIALLI, Luciana Albuquerque Daltio. Abordagem construcional de reduplicação verbal em português. *Acta Semiotica et Linguística*, João Pessoa, v.22. p.115-138, 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss Eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? *ReVEL*, [sl], vol. 15, n. 29, 2017. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2026.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Editora Quarteto, 2018.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. (Ed.). *Gramática derivacional do Português*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 462-489.

SANTOS, Antonia Vieira dos. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)*. 190 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, Antonia Vieira dos; SIMÕES NETO, Natival Almeida. O esquema construcional [[X]-[mor]]N na história da língua portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-3394, 2018.

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Compostos do português em uma abordagem construcional: perspectivas de análise e desafios teóricos. In: SOLEDADE, Juliana; GONÇALVES, Carlos Alexandre.; SIMÕES NETO, Natival. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 193-236.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; OLIVEIRA, Raphael Alves de; SANTOS, Deivid Borges. O esquema [maria N] no português brasileiro contemporâneo: estudo construcional de compostos [NN]. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTOS, Deivid Borges; KNOTH, João Vitor. (Org.). *Pesquisas contemporâneas sobre a língua portuguesa: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais*. Salvador: EDUFBA, 2025, p. 53-73.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTOS, Antonia Vieira dos. A categoria semântica de agente humano em compostos VN do português: uma leitura orientada pela Morfologia Construcional. In: FIGUEIREDO, C. et al (Org.). *Língua em movimento: História e funcionamento das línguas naturais*. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 313-330.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTOS, Antonia Vieira dos; SALVADOR, Ian Lezan. Compostos com fobia: um estudo construcional em perspectiva histórica. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 32-52, 2022.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SANTOS, Cecília Cunha Cerqueira dos; LIMA, Wívia Ananda Souza Santos. Composição e ensino. In: CASTANHEIRA, Dennis;

CEZARIO, Maria Maura. (Org.). *Funcionalismo linguístico e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025, p. 197-218.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da Morfologia Construcional. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 345-378.

SOLEDADE, Juliana; GONÇALVES, Carlos Alexandre; SIMÕES NETO, Natival. Morfologia Construcional: outra introdução. In: SOLEDADE, Juliana; GONÇALVES, Carlos Alexandre; SIMÕES NETO, Natival (Org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 11-32.

VILLALVA, Alina. Composição. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al (org.). *Gramática do português*. Volume 3. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 2020. p. 3153-3210.

VILLALVA, Alina. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 969-983.

Recebido em: 22/06/2026

Aceito em: 01/07/2026

Natival Almeida Simões Neto: doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Assistente do Instituto de Letras da UFBA. Atua como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC-UFBA) e no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UEFS). Líder do Observatório Construcionista e Cognitivo-Funcional do Português (CONPOR). Beneficiário do JOVEMPESQ-UFBA. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2978224861970814>.

Cecília Cunha Cerqueira dos Santos: mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós -Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e licenciada em Letras- Língua Portuguesa pela mesma instituição. Pesquisadora do Observatório Construcionista e Cognitivo-Funcional do Português – CONPOR/ UFBA, desenvolvendo trabalhos com foco em morfologia, semântica e linguística histórica. Bolsista CAPES - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil

(CAPES) - Código de Financiamento 001. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/4146801561051901>.

Wívia Ananda Souza Santos Lima: mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS) e licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela mesma instituição. Integra o Observatório Construcionista e Cognitivo-Funcional do Português (CONPOR). Desenvolve pesquisas em perspectiva cognitivo-funcional com ênfase em morfologia, semântica e linguística histórica. Bolsista Capes - O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1943732040553019>.